

COMO FAZER PESQUISA ANTROPOLÓGICA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19?

HOW TO DO ANTHROPOLOGICAL RESEARCH DURING THE COVID-19 PANDEMIC?

CASCA – autoria coletiva*

Etnografando na pandemia. Paride Bollettin, Guillermo Vega Sanabria e Fátima Tavares (Organizadores). Pádua: Cooperativa Libraria Editrice Università di Padova, 2020, 288p. Disponível em: <https://www.cleup.it/product/22390172/etnografando-na-pandemia>

Palavras-chave: Pandemia. Pesquisa. Antropologia. UFBA.

O Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva, chamado carinhosamente de CASCA, é um laboratório de pesquisa, extensão e docência mantido por docentes e discentes de dois departamentos e um programa de pós-graduação da Universidade de Brasília:

de Antropologia, Saúde Coletiva, e Estudos Comparados sobre as Américas. Ao longo do segundo semestre de 2021, ainda em plena atividade remota na universidade, realizamos encontros para ler e discutir três livros que tratassem de metodologias qualitativas.

*Soraya Fleischer. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia e Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Brasília, DF, Brasil. E-mail: soraya@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7614-1382>.

Raquel Lustosa da Costa Alves. Universidade de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Recife, PE, Brasil. E-mail: lusraquel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6047-8538>.

Rosamaria Giatti Carneiro. Universidade de Brasília, Departamento de Saúde Coletiva e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas, Brasília, DF, Brasil. E-mail: rosacarneiro@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1271-7645>.

Camila Vaz Neto Ferreira Correia. Universidade Federal Fluminense, Departamento de antropologia, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: camilavaz@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9280-3772>.

Júlia Vilela Garcia. Universidade de Brasília, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Brasília, DF, Brasil. E-mail: juliagarcia.unb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4208-0489>.



O último material em que nos debruçamos é uma coletânea que reúne 14 autoras e três organizadoras (BOLLETIN *et al.*, 2020). Ana Carolina Paz, Anne Alencar Monteiro, Claudivan Silva Soares, João Caetano Brandão Andrade, João Victor Gomes Varjão, Lidia Ribeiro Bradymir dos Santos, Lucas Barreto de Souza, Lucas Moreira, Luciana de Castro Nunes Novaes, Mossi Kumi Anoumou, Talita Nunes Costa, Thainá Soares Ribeiro, Vanessa Moraes e Waldson Costa têm, em geral, formação básica nas Ciências Sociais e também em outras áreas, como Arquitetura e Urbanismo, Direito, História, Filosofia e Teologia e Psico-

logia. À época do lançamento da obra, todos estavam cursando mestrado ou doutorado em Antropologia na Universidade Federal da Bahia. Então, se estavam em processo de formação, “engajados ativamente no desenvolvimento de suas pesquisas antropológicas” (BOLLETIN *et al.*, 2020, p. 9), nada melhor do que esta resenha também ser escrita por quem está pensando sua própria pesquisa ou escrevendo o seu primeiro texto desse tipo. Além de ler e debater o livro, decidimos, como um resultado imediato e concreto das atividades da CASCA, produzir algo a muitas mãos. De uma região brasileira a outra, de uma universidade

Karine Assumpção. Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Campinas, SP, Brasil. E-mail: karine.assumpcao@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0907-1932>.

Diego Ferreira Lima Silva. Universidade de Brasília, Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva, Brasília, DF, Brasil. E-mail: diegoferreira3@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5203-3005>.

Luiza Gomes Luz Rosa. Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Brasília, DF, Brasil. E-mail: luiza.rosa@ipea.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6950-6403>.

Juliana de Nazaré Gomes Sarmento. Universidade Federal do Amazonas, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Manaus, AM, Brasil. E-mail: sarmentojng@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2201-7113>.

Juliana Caruso. Universidade de São Paulo, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: julianacaruso@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4490-8374>.

Mariana Alves Simões. Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Brasília, DF, Brasil. E-mail: marianalvesimoes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1686-9600>.

Milenna Jordana de Sousa Andrade. Universidade Federal de Campina Grande, nome do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: milennajordana07@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8134-5809>.

Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira Freitas. Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Brasília, DF, Brasil. E-mail: rafaelmffreitas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4226-9908>.

Thais Maria Moreira Valim, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Brasília, DF, Brasil. E-mail: thaismvalim@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2980-1349>.

Tomas Kierszenowicz. Universidade de Buenos Aires, departamento ou programa, Buenos Aires, Argentina. E-mail: tomaskier5@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6371-5607>.

Wertton Luís de Pontes Matias. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Brasília, DF, Brasil. E-mail: wertton@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9922-5925>.

Soraya Fleischer e Rosamaria Carneiro acompanhadas de Everton Pereira, coordenam a CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva/Universidade de Brasília). Os demais autores são membros do coletivo e estão vinculadas a diferentes instituições. Contato: lusraquel@gmail.com.

de para outra, de um coletivo reverberando em outro, gostaríamos de brindar o livro organizado pelos colegas Paride Bollettin, Guillermo Vega Sanabria e Fátima Tavares com a presente resenha.

A principal contribuição da coletânea *Etnografando na pandemia* é pensar como fazer antropologia quando o planeta é assolado por uma doença que nos isola umas das outras, que cria uma sensação intensa de risco, contágio, medo e morte. Justamente pelo fato de “a pesquisa antropológica [ser] tão fortemente ancorada na ideia de trabalho de campo *in situ*” (2020, p. 9), foi preciso a “relativização da noção de *trabalho de campo* – não para desvalorizá-la ou recusá-la, mas, sobretudo, para realçar seu caráter sempre experimental” (p.16). A premissa de imaginar e testar novos desdobramentos para o trabalho de campo “face a face”, para a análise de dados e para a escrita etnográfica frente à pandemia e à crescente plataformização, nas e das pesquisas, tornou esse material enriquecidamente possível.

Como continuar a pesquisa na rua se a orientação geral era para ficar em casa? Como fazer pesquisa sem “estar lá”? Como manter a comunicação com interlocutores que não têm acesso a celulares e outras tecnologias que possibilitam a comunicação à distância? “Há ou não há diferenças substantivas nas interações *online* e *offline*? Em termos de *rapport*, muda alguma coisa com as ferramentas *online*, ou os desafios continuam a ser basicamente os mesmos das interações face a face?” (p. 13). Como transformar o material *online* em mais do que mero dado auxiliar à clássica observação participante? Em geral, todas essas estudantes do PPGAS/UFBA passaram a se questionar, e em seus capítulos escreveram sobre “como manter o vínculo e as interações com os interlocutores, agora em meio

ao distanciamento físico imposto pela Covid-19?” (p. 11).

As/os autoras/es logo perceberam que as mudanças provocadas em seus projetos “iam muito além do problema “metodológico” mais evidente, relacionado ao ‘trabalho de campo’, para rapidamente ganhar outro fôlego como problema ‘teórico-metodológico’, isto é, como um problema que reverberava em toda a concepção da pesquisa” (p. 13). E não apenas sobre metodologias na Antropologia, mas também sobre episódios importantes de convivência e sociabilidade entre docentes e discentes que se reuniram, de forma remota, em aulas, eventos e feitura desta coletânea. O livro elabora ainda sobre as delicadezas éticas, políticas, financeiras e existenciais do momento. Impossível, indesejável e injustificável contornar as inúmeras vulnerabilidades das comunidades e interlocutoras, potencializadas e intensificadas pela pandemia. As nossas possibilidades metodológicas estão diretamente relacionadas às condições de vida das pessoas que conhecemos, e com quem convivemos durante uma pesquisa, e precisam, sempre, se adaptar a elas.

Essa adaptabilidade caminha com a atualização, a experimentação pela qual as atividades científicas sempre passam, ao longo do tempo, e são recuperadas em algumas referências que estiveram presentes na obra. Sônia Maluf (2020) e Daniel Miller (2020), por exemplo, foram utilizados para pensar a “etnografia digital” e a internet “como uma forma de mediação” e “não necessariamente uma nova realidade” de pesquisa. Mariza Peirano (2014) ajudou a pensar sobre o “método etnográfico” e Raminder Kaur (2019) sobre “relacionalidade do fazer etnográfico”. A adequação ocorre em eventos críticos que, como a pandemia da Covid-19, podem reestruturar, de forma mútua e simultâ-

nea, o “campo”, a relacionalidade do pesquisador com os sujeitos de pesquisa da qual se ocupa, e a própria posição dele.

As pesquisas das 14 autoras foram iniciadas antes e, em alguns casos, até mesmo com a pandemia em curso. Os locais de estudo eram, em geral, em Salvador, mas também em cidades do interior do estado (Juazeiro e Mundo Novo/BA) ou mesmo em outra cidade da região (Cabedelo/PB). Por medidas de distanciamento social, as pesquisadoras passaram a encontrar formas de contactar e conviver à distância com as variadas comunidades em foco: pessoas vivendo em situação de rua, pessoas transmasculinas e homens trans, uma comunidade quilombola, grupos de capoeiristas, frequentadores e comerciantes de uma feira, homens heterossexuais malhadores, mulheres interessadas em ginecologia natural e autônoma, jovens LGBTQ+, jovens poetas, povos indígenas (Pankararé e Kiriri), frequentadores de igrejas pentecostais.

Etnografando na pandemia foi dividida em três partes, “Transitando entre os campos *on-line* e *off-line*”; “Imponderações e redefinições da pesquisa a partir do mundo *on-line*” e “Mudanças de rumo: contornando as dificuldades do mundo *off-line*”. Mas aqui, não vamos seguir essa organização, e sim traçar outras aproximações possíveis entre os capítulos.

“Etnicidade” foi um importante foco de estudo, seja nas comunidades indígenas – Pankararé e Kiriri –, ou quilombolas, da fazenda Jequitibá (Novo Mundo/BA). No primeiro caso, a “etnografia foi realizada em meios virtuais”, sobretudo via WhatsApp, e contou com entrevistas, material audiovisual e eventos *on-line*. A autora Luciana Novaes, dessa forma, privilegiou os sonhos como “recursos tecnológicos” (p. 175). A “ciência antropológica” e “ciência ameríndia”

convergiram durante o processo de escrita, tencionando “a fictícia muralha entre o físico e o espiritual”, que auxilia no vislumbre “[d]o ‘oculto’ [...] entre o que é visto e o que escapa aos olhos” (p. 183) na descrição dos dados. No segundo caso, impossibilitada de continuar frequentando as aulas de línguas indígenas, Vanessa Moraes ampliou a ideia de “interlocução”, e investiu nos diálogos com os idosos, ex-professores e pessoas ligadas aos saberes rituais. E, em vez da “revitalização linguística”, seu foco passou aos “modos de transmissão do conhecimento linguístico». Para tanto, percorreu as revisões bibliográficas já existentes sobre esse grupo, os diários de campo de colegas que tinham estado na aldeia, e as gravações e os vídeos sobre os rituais do grupo que encontrou na internet. No terceiro caso, as figuras, palavras ou frases registradas no status do WhatsApp foram aproveitadas pelo autor Claudivan Soares. “Printando”, salvando, compartilhando e debatendo essas imagens, ele foi aprofundando sua relação com a comunidade com quem tinha contato prévio; percebeu que nessa pesquisa, mas em qualquer outra também, “o etnógrafo coleta materiais que podem, de início, não ser considerados informação, de modo que sua relevância pode não ser óbvia, somente se ‘revelando’ *a posteriori*” (p. 61). E, aos poucos, processos de identificação étnica e de posituação da negritude se revelaram por técnicas inovadoras de antropologia visual.

Entre os capítulos, três deles se fiaram pelo marcador “Etário”. Foi conhecida a produção literária de jovens do Sarau da Onça, um grupo de poesia atuante no bairro de Sussuruana, em Salvador; a convivência de um grupo de amigos que frequentava o Teatro Drama, uma companhia de arte da cidade de Juazeiro/BA; as relacionalidades

entre jovens homens trans na internet, meio importante para emitirem e consolidarem a voz e o ativismo político dessa comunidade. Mensagens informais no WhatsApp, troca de mensagens virtuais e públicas, perfis pessoais e postagens nas redes sociais foram todas mídias aproveitadas por esses/as três pesquisadores/as, respectivamente, Mossi Anoumou, João Victor Varjão e Anne Monteiro. Esses três pesquisadores/as discutem concepções de “risco”, termo que “não é ‘dado’, nem ‘fechado’” (p.165). Os jovens interlocutores tensionavam que uma “situação arriscada não necessariamente é arriscada da mesma forma para todo mundo” (p. 65). Um debate central, portanto, em meio a uma pandemia.

“Gênero” orientou recortes de quatro pesquisas. Três capítulos tiveram homens e a masculinidade como interlocução. Conhecemos homens capoeiristas, homens malhadores e homens adultos que primavam pelo autocuidado numa unidade da saúde da família. Treinos de capoeira realizados com praticantes ao redor do mundo aconteciam com frequência programada pela plataforma *Zoom*. O autor João Caetano Andrade, também praticante, participava da roda assiduamente. O “Galera Malhação”, um grupo de homens heterossexuais mais velhos, discutiam se haveria risco de malhar ao ar livre, sobre o perigo do vírus circulante e a construção do verdadeiro masculino e forte em meio às suas conexões de amizade. Nessa “zapnografia”, termo usado por Lucas Moreira, foi possível também refletir sobre a sua posicionalidade como um pesquisador homem gay e cis. Talita Costa utilizou vídeos produzidos pela Secretaria Municipal de Saúde em que figurava um senhor sotopolitano como protagonista principal, e que circularam por várias mídias digitais. Esse senhor foi entrevistado por telefone di-

versas vezes pela pesquisadora. Um quarto capítulo, de Thainá Ribeiro, seguiu os debates empreendidos por mulheres no Instagram sobre ginecologia natural e autônoma. Nessa “netnografia”, como denominou, foi dada ênfase aos perfis públicos (abertos para qualquer usuária) e às *lives* (transmissões ao vivo). Como nos outros três capítulos descritos nesse parágrafo, aqui também se constatou uma rede de apoio e de solidariedade no cuidado, em curso antes e reinventado durante a pandemia.

Em dois capítulos foram necessárias decisões mais drásticas, à causa da crise sanitária, e em outro houve possibilidades de re-direcionamento do material de pesquisa no contexto pandêmico. Lidia dos Santos, que pretendia pesquisar sobre o estabelecimento de igrejas pentecostais no bairro da Liberdade (Salvador-BA), conhecido pela intensa presença afroreligiosa, constatou que muitos devotos seguiam frequentando cultos, sem máscaras faciais, com variadas motivações (devotos sem acesso à internet, organização de ações de ajuda financeira ou alimentar), mas sobretudo devido a uma percepção distinta de risco com base na fé. Respeitar as orientações sanitárias de isolamento social, para conter a disseminação do vírus causador da Covid-19, distanciaria a pesquisadora das movimentações dos fiéis. Ela se sentiu insegura de passar a seguir as atividades que aconteciam dentro da igreja e optou por mudar de tema e cobrir uma revisão da literatura de Ciências Sociais das últimas duas décadas sobre os conflitos religiosos na Bahia. Já Waldson Costa, que tinha planejado estudar o uso das águas pelas comunidades ribeirinhas da região do Baixo São Francisco, sabia que sua presença poderia vulnerabilizar ainda mais o grupo, ao levar o vírus, por exemplo. Passou, então, a acompanhar os documentos digi-

tais, entre os quais o Novo Marco Legal do Saneamento. Seguindo uma prática de ética e responsabilidade, estruturantes de nossa área, o autor afirma que “esse impedimento [de estar lá] não inviabiliza a pesquisa, porque, além de tudo, a produção etnográfica é também teórica” (p. 262). Em outro cenário, com a pesquisa de mestrado avançada, Lucas Souza ponderou como aproveitar o material acumulado a partir do trabalho de campo na feira de São Joaquim, Salvador/BA. Fotografias dos artefatos de palha e gravações de áudio foram utilizadas pelo autor para abordar a vida dos objetos e para contar histórias sobre a perspectiva de feirantes e frequentadores dessa feira. Voltou, então, para o seu diário de campo, redigido antes da pandemia, e defendeu uma “etnografia da etnografia” como um caminho possível de escrita. Assim como mostraram outras autoras e autores desta coletânea, reconduzir um ponto de partida também é uma maneira de experimentar técnicas, desenhos, métodos e escritas de uma pesquisa. Recuperar materiais “de apoio”, sejam eles primários ou secundários, significa colocá-los em primeiro plano, como participantes ativos e como protagonistas da pesquisa.

Não apenas espaços, estratégias e práticas de investigação são redefinidas, alguns capítulos também consideram as repercussões logísticas e analíticas na escrita antropológica. Para uma autora, “escrever funciona como um laboratório” (Luciana Novaes); outra se desafia a “escrever sobre um ritual sem estar lá” (Vanessa Moraes); um “entremeia poesias com trechos de entrevistas e análises” (Mossi Kumi); e muitos se esforçam por continuar tentando registrar seus dados e aprendizados em meio à uma escrita inevitavelmente enlutada, marcada pela morte de muitas interlocutoras, colegas, professoras e amo-

res, devido à Covid-19.

As reflexões trazidas nesse livro partem de um lugar comum de incerteza e angústia inseridas em uma economia das emoções, que acompanha e participa ativamente da produção de conhecimento. Algumas pesquisadoras precisaram se despedir do projeto inicial e criar um projeto, totalmente novo. Outras adaptaram o planejamento original, ponderando sobre as perdas e dificuldades no caminho. E várias transformaram percalços em oportunidades, aproveitando para ver outras nuances sobre o outro e sobre si, sobre a alteridade e uma antropologia possível. Foram alterações impostas, mas também escolhas feitas.

E aqui apenas pontuamos, brevemente, algumas das ideias do livro – os capítulos trazem um arroubo maior de reflexões sobre a realização de uma pós-graduação, neste momento tão dramático. Em geral, essas mestrandas e doutorandas, amparadas pelos seus professores e professoras do PPGAS/UFBA, desenharam saídas criativas e potentes para continuar com as etapas de trabalho de campo e de trabalho de escrita, ao invés de interromper ou abandoná-las.

O livro “*Etnografando na pandemia*”, de modo algum, é uma cantilena sobre a passividade e o aleatório, mas um convite à flexibilidade e à imaginação coletiva no e sobre o mundo pandêmico. Trata-se de apontar transformações e permanências, inclusive da própria disciplina que operou como ponto de encontro e depois mola propulsora da publicação. Em alguma medida, por isso, figura também como um relato pedagógico do que aconteceu com os cursos de pós-graduação durante um cenário tão avesso. Afinal, ao etnografar na pandemia, como indica o título do livro, as autoras também estiveram etnografando a pandemia. Ao cabo, o livro nos sacode, “não há outro caminho a

seguir além de uma readequação de rotas”, mas nos relembra que isso “já faz parte do exercício dos antropólogos” (p. 264). Mesmo que revisitemos a elasticidade metodológica da área, o livro traz uma contribuição original e muito bem-vinda sobre esse estica e puxa, profissional e também pessoal, vivido coletivamente dentro de um fenômeno sanitário global.

Referências

KAUR, R. The digitalia of everyday life. Multi-situated anthropology of a virtual letter by a “foreign hand”. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, v. 9, n. 2, p. 299-319, 2019.

MALUF, S. **Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia**. 08/05/2020. Disponível em: <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia/antropologia-em-tempo-real-urgencias-etnograficas-na-pandemia/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

MILLER, D. **Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social**. 23/05/2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, n. 1, v. 42, p. 377-391, 2014.

Recebido em: 25/03/2022

Aprovado em: 14/04/2022

Esta publicação foi composta na
família tipográfica Rotis e veiculada
digitalmente.
